

I. TRAVANDO CONHECIMENTO COM A COERÊNCIA

9

Certamente, em comentários sobre textos, você já ouviu ou disse coisas como: “Este texto é incoerente”, “Falta coerência nas ideias”. Quase sempre, tais comentários se ligavam a questões de raciocínio lógico, a contradições entre uma passagem e outra do texto ou entre o texto e o conhecimento estabelecido das coisas. É provável que passagens como (1) a (3) a seguir fossem apontadas como fontes de incoerência.

- (1) Maria tinha lavado a roupa quando chegamos, mas ainda estava lavando a roupa.
- (2) João não foi à aula, entretanto estava doente.
- (3) A galinha estava grávida.

Em (1), a incoerência é gerada pelo fato de o produtor da sequência apresentar o mesmo processo verbal em duas fases distintas de sua realização: como acabado e não acabado ao mesmo tempo, o que não é aceitável. Em (2), a conexão entre as duas orações da sequência: “João não foi à aula” e “estava doente” estabelece uma relação de oposição que contraria a relação de causa que parece ser mais plausível ou esperada entre as ideias

expressas pelas duas partes da sequência. Em (3), a passagem seria responsável por incoerência por contrariar o conhecimento geral, embora isto só represente incoerência se o mundo representado pelo texto for o mundo “real” e não, por exemplo, um mundo fantástico, mágico, de fantasia. Isto evidencia que o juízo de incoerência não depende apenas do modo como se combinam elementos linguísticos no texto, mas também de conhecimentos prévios sobre o mundo e do tipo de mundo em que o texto se insere, bem como do tipo de texto. Você tacharia de incoerente, sem sentido, o texto “O Show” transcrito em (4), que teria sido produzido por um aluno de 1º grau, calcado no modelo do poema “A Pesca” de Affonso Romano de Sant’Anna?

(4) **O Show**

O cartaz

O desejo

O pai

O dinheiro

O ingresso

O dia

A preparação

A ida

O estádio

A multidão

A expectativa

A música
A vibração
A participação

O fim
A volta
O vazio

Achamos que não. Apesar de o texto ser apenas uma lista de palavras sem qualquer ligação sintática e sem a explicitação de qualquer relação entre elas, quem lê tende a perceber nesta sequência linguística uma unidade de sentido que permite estabelecer uma relação entre seus componentes, fazendo que seja vista como um texto e não como um amontoado aleatório de palavras: vê-se esta sequência como a narração da ida de uma pessoa a um show.

Como isto acontece? Inicialmente, a sequência é apresentada como um texto; quem a produziu tem a intenção de que ela seja um texto e pretende realizar com ela uma intenção comunicativa. Quem a recebe age cooperativamente e aceita a sequência como um texto, procurando determinar-lhe o sentido. Para isto, o receptor ativa o conhecimento de mundo arquivado em sua memória, trazendo à tona conhecimentos pertinentes à construção do que podemos chamar de mundo textual. O leitor ou ouvinte do texto tem arquivado em sua memória uma espécie de modelo do que seja um show: uma apresentação artística (normalmente de cantores, músicos, bailarinos), que é precedida de uma divulgação (por cartazes e/ou anúncios na imprensa: jornais, rádio, televisão, etc.) e realizada em teatros, ginásios esportivos, estádios, praças, etc. As pessoas geralmente pagam para assistir a um show e nas apresentações musicais costumam participar com palmas, cantando junto, dançando, etc., o que revela

sua aprovação ao espetáculo, demonstrada, também, por gritos, assovios e outras formas de manifestação. Este é o esquema básico de um show que as pessoas têm na mente e que, obviamente, pode ter mais ou menos detalhes conforme a experiência de cada um. Ao ler o título e ativar este modelo do que seja um show, o recebedor do texto estabelece as ligações não explícitas entre os termos componentes do mesmo, vendo-o como coerente, pois faz sentido para ele.

Se não tivesse solicitado ao aluno que fizesse um texto calcado no modelo do de Affonso Romano de Sant'Anna, ele poderia ter contado o mesmo fato com um texto como o de (5).

12

(5) **O Show**

Sexta-feira Raul viu um cartaz anunciando um show de Milton Nascimento para a próxima terça-feira, dia 04/04/89, às 21h, no ginásio do Uberlândia Tênis Clube na Getúlio Vargas. Por ser fã do cantor, ficou com muita vontade de assistir à apresentação. Chegando em casa, falou com o pai que lhe deu dinheiro para comprar o ingresso. Na terça-feira, dia do show, Raul preparou-se, escolhendo uma roupa com que ficasse mais à vontade durante o evento. Foi para o UTC com um grupo de amigos. Lá havia uma multidão em grande expectativa aguardando o início do espetáculo, que começou com meia hora de atraso. Mas valeu a pena: a música era da melhor qualidade, fazendo todos vibrarem e participarem do show. Após o final, Raul voltou para casa com um vazio no peito pela ausência de todo aquele som, de toda aquela alegria contagiante.

Qual a diferença básica entre o texto de (4) e o de (5)? Além de um ser um texto poético e o outro, um texto em prosa, observa-se

que, ao contrário do texto (4), em (5) a relação entre os elementos é explicitada inclusive sintaticamente. Há em (5) a utilização, na cadeia linguística, de uma série de recursos que não aparecem em (4):

- a) em (5) a sequência dos fatos é marcada não só pela ordem de aparecimento deles no texto – como em (4) – mas também por marcadores linguísticos tais como: Sexta-feira; Chegando em casa; na terça-feira; dia do show; Após o final;
- b) algumas relações são explicitadas: assim a causalidade entre ver o cartaz e desejar assistir ao show, a relação entre a “multidão” e a “expectativa”, e da música como causadora da vibração e participação do público e, ainda, a relação entre o término do show e o vazio que Raul sente;
- c) vários elementos do texto estão interligados de modo que, com frequência, a compreensão de um depende da presença do outro:
 - a próxima terça-feira, dia 04/04/89; Na terça-feira, dia do show;
 - Raul, Ø ser fã, Ø ficou, Ø assistir, Ø chegando, Ø falou, lhe, Ø comprar, Raul, Ø escolhendo, Ø ficaria, Ø foi, Raul; (Ø indica as elipses do termo Raul);
 - O Show (título), show, apresentação, show, evento, espetáculo, show;
 - vibrarem e participarem, toda aquela alegria contagiante;
 - Milton Nascimento, o cantor;
 - multidão, todos;
 - a música, todo aquele som;
 - 21h, meia hora de atraso;
 - no ginásio do Uberlândia Tênis Clube, na Getúlio Vargas; para o UTC, lá;
 - início, começou.

Todos estes recursos são estabelecadores do que a linguística chama de *coesão* textual (Cf Koch, 1989), que o texto (4) não apresenta.

14 A coesão textual, mas não só ela, revela a importância do conhecimento linguístico (dos elementos da língua, seus valores e usos) para a produção do texto e sua compreensão e, portanto, para o estabelecimento da coerência. O conhecimento dos elementos linguísticos e sua relação, por exemplo, com o contexto de situação também é importante para o cálculo do sentido e a percepção de um texto como coerente. Assim, o texto (6) só é perfeitamente inteligível se houver conhecimento do uso dos elementos linguísticos *eu, ela* e *aqui* em relação com a situação de comunicação.

(6) – O que aconteceu?

– Eu não sei. *Ela* estava *aqui*. De repente começou a gritar e desmaiou.

– Está bem, vamos levá-la na ambulância.

Ora, (5) é um texto com coesão e (4) não. Isto evidencia que o cálculo do sentido de um texto, estabelecendo a sua coerência, pode ser auxiliado pela coesão, mas esta não é uma condição necessária. É o que podemos observar nos textos (7) e (8).

(7) Corte

Maria Amélia Mello

(O dia segue normal. Arruma-se a casa. Limpa-se em volta. Cumprimenta-se os vizinhos. Almoça-se ao meio-dia. Ouve-se rádio à tarde. Lá pelas 5 horas, inicia-se o sempre).

(Miniconto publicado no *Suplemento Literário do Minas Gerais*

nº 686, ano XIV, 24/11/79, p. 9).

- (8) João vai à padaria. A padaria é feita de tijolos. Os tijolos são caríssimos. Também os mísseis são caríssimos. Os mísseis são lançados no espaço. Segundo a teoria da Relatividade o espaço é curvo. A geometria rimaniana dá conta desse fenômeno.

(Marcuschi, 1983:31)

Em (7) praticamente não há elementos coesivos entre as frases (talvez o único seja o fato de todas, a partir da segunda, terem sujeito indeterminado), mas o sentido global (o texto fala de um dia comum, igual a todos os demais na vida), talvez, de uma dona de casa, ou seja, de seu cotidiano), apreensível graças à frase inicial, dá coerência à sequência, constituindo-a em texto. No exemplo (8), a sequência é coesiva, mas não é vista como coerente, porque não é possível estabelecer para ela uma continuidade/unidade de sentido.

15

Como para (4) e (5), também em (7) o receptor do texto ativa conhecimentos de mundo para estabelecer o sentido do texto: aqui uma espécie de modelo do que constitui o dia a dia de uma dona de casa que é representado pelo (re)corte de um desses dias, porque são todos iguais. Mas, se o conhecimento de mundo é importante, não menos importante é que esse conhecimento seja partilhado pelo produtor e receptor do texto, pois, por exemplo, se o receptor do texto “O Show”, em (4), não tiver um modelo de show semelhante ao do produtor do texto, certamente não conseguirá construir o sentido deste, pois não poderá estabelecer as relações não explícitas entre os elementos do texto através de inferências. Evidentemente (5) também exige inferências para sua compreensão, mas em número menor.

Um exemplo que deixa bem evidenciada a necessidade de produtor e receptor do texto terem conhecimento comum é a manchete de um jornal paulista que reproduzimos em (9).

(9) Depois do tango, chegou a vez do fado. Na Arábia.

16 O leitor, sem ler a reportagem, só entenderá do que se trata pelo conhecimento de que: a) o tango é a música da Argentina e o fado, de Portugal; b) a Arábia é um país; c) a manchete está na seção de esportes do jornal; d) quando saiu a manchete, estava se realizando o campeonato mundial de futebol de juniores, com sede na Arábia; e) o time do Brasil já enfrentara o time da Argentina e iria enfrentar o de Portugal. Sem essas informações não expressas na manchete, mas que deveriam fazer parte do conhecimento de mundo do repórter e do leitor do jornal, este segundo não apreenderia o sentido que o primeiro veiculou com a sequência linguística de (9).

O fato de a manchete de (9) estar na seção de esportes é muito importante para o estabelecimento do sentido, porque concentra a atenção do receptor apenas em parte daquilo que ele conhece, no caso, esportes. Se a manchete estivesse, por exemplo, no caderno de cultura, o leitor poderia pensar em um festival de músicas nacionais típicas ou numa série de apresentações de músicas típicas sendo realizado(a) na Arábia.

O conhecimento partilhado também vai estruturar o texto em termos das informações como novas ou não. Assim, por exemplo, no texto (5), a primeira ocorrência do termo *show* veicula uma informação nova dentro do texto, sendo inclusive especificada para compor a entidade Show; de quem (Milton Nascimento), quando (dia 04/04/89 às 21 horas) e onde (no ginásio do Uberlândia Tênis Clube). As demais ocorrências do termo *show* e de seus substitutos (apresentação, evento, espetáculo) já veiculam informação conhecida. A quantidade de informação nova, se muito alta, pode levar alguém a ver uma sequência linguística como um texto incoerente, porque o mesmo não fará sentido para esta

(10) Show

MILTON NASCIMENTO: A VOLTA DO MAIS ILUSTRE "CANTADOR"

O mineiro tímido que conquistou o mundo, está de volta. Milton Nascimento apresenta no UTC, dia 04 de abril (terça-feira) às 21 horas, o show "Miltons". Um marco na carreira de um artista que está no auge do seu brilho. O último disco de Milton foi mixado em Nova Iorque e contou com a participação de alguns dos melhores músicos do mundo. Para o show no UTC ele não deixou por menos: sua banda de apoio trará, entre outros nomes, astros internacionais como Herbie Hancock, Rique Pantoja e os brasileiros Naná Vasconcelos, Robertinho Silva e Artur Maia. No repertório, os maiores clássicos do mais famoso cantador mineiro e seus últimos trabalhos.

O show "Miltons" é uma realização da Valetur Turismo e da Pousada do Rio Quente, com produção da GBM Promoções. Os ingressos para arquibancada e cadeiras numeradas estão a venda nas lojas do Grupo Thiara: Zan, Philippe Martin, Thiara, Benneton, Vide Bula e ArtMan.



Milton canta terça-feira no UTC

pessoa. Um exemplo disso seria um texto altamente técnico de uma área de conhecimento, lido por um leigo que conhece pouco ou nada desta área.

(11)

COMENTÁRIO

O «TON» DE «MILTONS» FOI A PERCUSSÃO

18

Milton Nascimento já começou seu show no UTC (3ª-feira passada) deixando claro que a estrela era ele. Nenhum recurso cênico ou musical: só violão e voz. Aos poucos, a partir da terceira música, a banda de apoio foi subindo ao palco até que o ginásio do UTC explodisse em som. Um som cada vez mais afro, mais tribal. A percussão de Robertinho Silva e seus garotos deu o tom do espetáculo.

Milton vive uma fase feliz. Sua carreira ganhou, nos últimos anos, impulso internacional: estreou um musical na TV americana com a participação de Paul Simon. É amigo de Sting e das maiores feras do jazz no mundo. Seus últimos Lps têm tido sempre uma lista de participantes especiais importantes.

Mas a internacionalização é uma faca de dois gumes: por vaidade ou oportunismo, dificilmente o artista brasileiro mostra lá fora o que ele é aqui. Já aconteceu com Ivan Lins e Djavan, que em seus discos “made in USA” são muito mais jazzísticos do que eram em sua obra anterior. Está acontecendo com Milton.

“Miltons”, disco e show, dá ênfase a que os americanos esperam da gente: ritmo tambores. E se Milton sempre foi muito bom em brasilidade a tirou de letra a missão, um outro Milton ficou prejudicado: o Milton lírico, o Milton letra e melodia.

Túlio Mourão esteve perfeito nos teclados, mas ficou patente para os ouvidos mais habituados à obra de Milton a falta de guitarra e instrumentos de sopro no show do UTC, especialmente nos números mais lentos. A ausência, neste caso, foi estratégica: o que Milton queria ele conseguiu: ressaltar seu lado negro, africano. Não foi à toa que canções como “Bola de Meia, Bola de Gude” e “Feito Nós”, com brilhantes desempenhos do trio de percussionistas foram o ápice de “Miltons”.

Mas todas considerações dizem respeito a detalhes estilísticos. Milton Nascimento é inquestionável. E esteve brilhante em seu segundo show na cidade. A falta de um, entre tantos “Miltons” não fez muita diferença. **(Maurício Ricardo)**

Correio de Domingo. Ano 0, nº 26, p. 2, 09/04/89, Uberlândia, MG.

Finalmente é preciso lembrar que o sentido que damos a um texto pode depender (e com frequência depende) do conhecimento de outros textos, com os quais ele se relaciona.

(12)

Vale Tur e *Rio Quente*
APRESENTAM:



**MILTON
NASCIMENTO**
SHOW DE LANÇAMENTO DO
LP "MILTONS"

04 DE ABRIL - 21h - U T C

APOIO:

ANTARCTICA **SAB MOTEL** **SUPERMERCADO TRIÂNGULO**

INGRESSOS À VENDA COM DESCONTOS NAS LOJAS

VIDE DULA **RETORNA** **benetton** *Thiara*

Philippe Martin **ZAN.** **REALIZAÇÃO: GBM PROMOCÕES E PRODUÇÕES LTDA**

19

Correio de Domingo. Ano 0, nº 25, pág. 6, 02/04/89. Uberlândia, MG.

Suponhamos que o leitor do texto (5) visse o cartaz reproduzido em (12) e lesse também os textos (10) e (11), reportagens sobre o mesmo show (que foram usados como motivo para se

produzir os textos (4) e (5) em sala de aula) e publicadas por um jornal da cidade antes – (10) – e depois – (11) – do show. A leitura de (10) e (11), sobretudo por pessoas de fora da cidade, mudaria a leitura de (4) e (5), mas também seria influenciada pela leitura destes.

Neste capítulo você deve ter intuído uma concepção básica do que seja o fenômeno da coerência e do que depende. Busquemos a seguir uma visão mais detalhada e sistemática da coerência textual.